

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SANGUE E NERVO - O CINEMA DE WILLIAM FRIEDKIN
2 e 16 de Outubro de 2015

CRUISING / 1980
(A Caça)

Um filme de William Friedkin

Realização: William Friedkin / Argumento: William Friedkin, baseado num romance homónimo de Gerald Walker / Direcção de Fotografia: James Contner / Design de Produção: Bruce Weintraub / Direcção Artística: Edward Pisoni / Guarda-Roupa: Robert DeMora / Música: Jack Nitzsche e The Germs / Som (supervisão de montagem): Charles L. Campbell / Montagem: Bud Smith / Interpretação: Al Pacino (Steve Burns), Paul Sorvino (capitão Edelson), Karen Allen (Nancy), Richard Cox (Stuart Richards), Don Scardino (Ted Bailey), Joe Spinell (DiSimone), Jay Acovone (Skip Lee), Randy Jurgensen (Lafransky), Barton Heyman (Rifkin), James Remar (Gregory), Larry Atlas (Eric Rossman), Sonny Grosso (Detective Blasio), etc.

Produção: Lorimar / Produtor: Jerry Weintraub / Cópia digital (DCP), colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 102 minutos / Estreia em Portugal: Cinebloco e Tivoli, a 12 de Fevereiro de 1981.

Ainda **Cruising** não tinha sido estreado e já gerava movimentos de contestação à sua suposta homofobia: basta uma rápida pesquisa na Internet para se encontrarem fotografias de manifestações ou, vá lá, ajuntamentos, com cartazes a pedirem a proibição do filme. Depois o filme estreou e de modo geral ninguém gostou, os homossexuais porque aparentemente **Cruising** confirmava o que se suspeitava, os heterossexuais porque a vacilação da identidade sexual do protagonista, perdido entre “leather bars” cheios de homens semi-despidos, era demasiado perturbante. Deve ter sido o filme de Friedkin, pelo menos neste período em que ele ainda era – na sequência dos retumbantes sucessos de **French Connection** e **The Exorcist** – um dos maiores nomes de Hollywood, mais mal recebido. Como noutros casos, e embora em circunstâncias diferentes de modo aproximável do que se passou com **Sorcerer**, do mesmo Friedkin (que aqui vimos na sessão da tarde), a condenação e o alheamento iniciais transfiguraram-se, com o tempo, em “culto”, e hoje é mais fácil ver **Cruising** como um dos mais intrigantes filmes não apenas de Friedkin mas de toda aquela época, viragem de 70 para 80, do cinema americano.

Há uma brilhante análise do filme assinada por Bill Krohn, disponível na revista “online” *Rouge* e muito fácil de encontrar, e que vivamente recomendamos ao espectador desta sessão. Krohn escreve tendo tido acesso aos sucessivos “drafts” do argumento que Friedkin concebeu até chegar à versão final, e a comparação entre as diferentes versões é de facto uma maneira eloquente de perceber o “processo de pensamento” do cineasta, e a subtil sofisticação em que ele envolveu o filme. Também se aprende aí que **Cruising** foi uma ideia do produtor Jerry Weintraub, que a propôs a

Friedkin logo a seguir a **French Connection** (o romance em que o argumento se baseia foi publicado em 1970) mas a que o cineasta resistiu durante anos (a dado passo Weintraub propôs o filme a Spielberg, que o aceitou, e só não houve um “Steven Spielberg’s Cruising” porque nessa ocasião Weintraub não conseguiu financiamento!). Também se confirma aí a história dos 40 minutos que Friedkin teve que cortar – na maioria, imagens de práticas sexuais, incluindo “footage” colhida em filmes pornográficos – de modo a conseguir estrear o filme, 40 minutos que não se encontraram quando, anos mais tarde, se procedeu a uma tentativa de “reconstrução” (foram presumivelmente destruídos), e que estiveram na origem do fantasioso exercício de James Franco em **Interior.Leather Bar**. Mas aprende-se ainda que, logo em 1980, quando o filme levava pancada de três em pipa e choviam acusações de reaccionarismo, houve um crítico, Robin Wood, homossexual, a defender o filme pelo seu “progressismo”. Krohn cita esta parte do artigo de Wood, a que ele chama “amazingly clear-eyed”: *“O filme sugere, portanto, que há pelo menos dois assassinos mas que pode haver muitos mais; que não precisamos de sentir que sabemos quem é o assassino, porque pode ser qualquer um; e que a violência tem que ser atribuída à cultura, não ao indivíduo”*. Portanto, Wood virava tudo ao contrário, e num filme que toda a gente acusava de ser “homofóbico” ele via o oposto, um filme que mostrava, enquanto abstracção malévola e fantasmática, uma generalizada cultura homofóbica.

Não espanta que há 43 anos **Cruising** tenha posto tantos problemas de “leitura”, e gerado tanta leitura errónea. Não há muitos filmes, nesta época do cinema americano, que proponham o tipo de narração que **Cruising** propõe, entre a interioridade psicológica, sempre baça e pouco explicada, do protagonista (o polícia de Pacino), e a falta de linearidade, cheia de elipses e pequenos/grandes enigmas: da questão dos assassinos, cuja confusão e multiplicação quase podem parecer produto de um anotador incompetente, às imagens finais de Pacino ao espelho, interpelando o espectador com uma expressãozinha tão “dégueulasse” como a de Jean Seberg no final de **À Bout de Souffle** (e que na verdade é uma expressão “vazia”, a ser preenchida pelos receios e fantasias de cada espectador, porque este filme é mesmo assim: todos os espectadores presentes na sala verão um **Cruising** diferente). Como sucedia com outros nomes da “nova Hollywood” (por exemplo o Schrader que escreveu o **Táxi Driver** para Scorsese, de que **Cruising**, à sua maneira, é um parente), as referências de Friedkin estavam menos no clássico americano do que na modernidade, sobretudo europeia. E se não é, portanto, só por vício que citamos a Seberg de Godard, Krohn atribui a disseminação da figura do assassino por vários actores à influência sobre Friedkin do **Obscur Objet du Désir** de Buñuel, que também tinha uma personagem cindida em duas atrizes diferentes. Mas, ainda mais curioso (e perdoem-nos a insistência mas vale mesmo a pena ir ler o artigo de Krohn), conta-nos que uma cena constante numa das versões do argumento e depois abandonada mostrava o protagonista, com a namorada e um grupo de amigos, a discutirem o final do **2001** de Kubrick, discussão que era rematada por Steve (o nome da personagem de Pacino) com um enfatiado *“who knows what anything means?”*. É demasiado irresistível não ver aí uma chave para esta “cruising trip” de Friedkin: um mergulho, mais ou menos infernal, num universo (de) ácido, suficientemente ácido para dissolver tudo, a personalidade e o sentido.

Luís Miguel Oliveira